

Crise após eleições na Venezuela intensifica migração para o Brasil



Migrantes aguardam fila para entrar no PTRIG (Posto de Interiorização e Triagem) perto do abrigo BV-8, em Pacaraima, no estado de Roraima. Shanti Sai Moreno Brooks/Folhapress

Crise provocada por eleições presidenciais na Venezuela intensifica migração para o Brasil

Imigrantes relatam tristeza e falta de esperança e creditam decisão de sair do país à permanência do ditador Nicolás Maduro no poder; Operação Acolhida prepara plano de contingência e cria novas vagas em abrigos

Mayara Paixão

PACARAIMA E BOA VISTA (RR) E SANTA ELENA DE UAIRÉN (VENEZUELA) O toldo que cobre a grade de ferro em zigue-zague para organizar as filas já não dá conta de abrigar os imigrantes da Venezuela que chegam à pequena cidade de Pacaraima, em Roraima, em busca de uma nova vida no Brasil.

Após a contestada reeleição de Nicolás Maduro em 28 de julho, seguida de forte onda de repressão do regime, o fluxo de venezuelanos começa a crescer. E quem chega com seus poucos pertences após horas de viagem em ônibus descreve, com cada vez mais frequência, uma relação direta entre a permanência do ditador no poder e a decisão de emigrar.

As semanas que sucederam a eleição fizeram a média de 300 imigrantes que chegavam diariamente ao Brasil dar lugar a cifras de cerca de 600 travessias diárias. O ápice foi registrado em 26 de agosto: mais de 740 cruzaram a fronteira naquela segunda.

Nesse dia, o casal Jefferson Barreto, 24, e Natali Rodríguez, 25, atravessou a divisa carregando a filha, Cloe, de 1 ano. Uma semana

depois, em 2 de setembro, quando a reportagem chegou ao extremo de Pacaraima, eles ainda estavam na fronteira.

A alta do fluxo fez com que os processos de emissão de documentos para os imigrantes, como CPF e carteirinhas do SUS e de vacinação, passasse da média de um dia para ao menos cinco dias.

A demanda escalou e faltaram imunizantes. As vacinas contra febre amarela, triplíce viral, hepatite B, Covid e a dupla adulto (difteria e tétano) são obrigatórias.

"Vimos pela situação da Venezuela. Não há trabalho e, se você consegue um, é para ganhar US\$ 20 [R\$ 5,50], o que não te serve nem para um dia", afirma Jefferson, que saiu com a família de Ciudad Bolívar, no sudeste venezuelano. "A esperança era de que ele [Maduro] saísse, mas não."

"O que sentiram com o anúncio da reeleição?" "Desilusão, tristeza", diz o pai de Cloe. "Raiva", afirma Natali, acrescentando que em seu país "se violam os direitos humanos e ninguém diz nada". "Se diz, vai preso também", completa.

Um tio de 49 anos de Jefferson foi preso após sair para comprar cigarros quando eram anunciados

os resultados da eleição e os protestos começaram no país. "Ele estava abrindo a porta de casa e o levaram dizendo que estava protestando. Foi acusado de terrorismo. Minha família não pôde nem falar com ele", afirma o sobrinho.

Antevendo um aumento no fluxo, a Operação Acolhida, força-tarefa do governo brasileiro e da ONU que desde 2018 cuida dos abrigos públicos que recebem os migrantes, está reativando o abrigo 13 de Setembro e ampliando sua capacidade de 200 para 500 vagas, relatam militares à reportagem em Boa Vista.

Hoje, a operação acolhe 6.200 imigrantes em seis de seus abrigos, sendo dois deles para indígenas. A capacidade é de 8.000.

Agosto é um mês no qual esse fluxo migratório, que praticamente nunca cessou desde a crise de desabastecimento em 2017 e 2018, tradicionalmente cresce. São as férias escolares na Venezuela, que permitem a milhares de pais e mães emigram com seus filhos pequenos sem tirá-los da sala de aula por muito tempo.

Sentada no meio-fio ao lado dos filhos Joseph, 8, e Leanne, 3, que usam mochilas estampa-

“**Estávamos esperando e apostando numa mudança... Votamos. Mas nos roubaram o voto. Não é que perdemos: eles nos roubaram**

Loanny Cardiero imigrante que afirma ter votado em Edmundo González, opositor do ditador Nicolás Maduro e que se asilou na Espanha após se tornar alvo de mandado de prisão da Justiça venezuelano

das com personagens de desenho animado, Loanny Cardiero, 35, cuida das crianças enquanto o marido ocupa um lugar na fila. "Tudo está lento, há muita gente."

Por que vieram agora? "Estávamos esperando e apostando numa mudança... Votamos. Mas nos roubaram o voto. Não é que perdemos: eles nos roubaram", diz ela, que afirma ter votado em Edmundo González, opositor asilado na Espanha após se tornar alvo de mandado de prisão da Justiça venezuelana, cooptada pelo chavismo.

"As vezes os próprios vizinhos denunciavam os outros, diziam que tinham ido às marchas da oposição, que eram 'guarimbeiros'", segue Loanny, usando o termo com que o regime se refere a opositores. "Nos colocam como inimigos e somos hostilizados."

"Pensamos: vamos aguentando. Mas não podemos seguir lutando e meio sobrevivendo. Nós somos adultos, mas não podemos colocar eles [os filhos] nessa situação." A caçula de Loanny tem epilepsia. O primogênito, um sobrinho no coração. O Brasil também é para essa família uma esperança de acesso ao sistema de saúde.

Continua na pág. 31

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Página:** 30 e 31